

JOSEPH DE MAISTRE (1753-1821): O PROFETA DO CRISTIANISMO TRANSCENDENTE

Joseph de Maistre (1753-1821): The Prophet of Transcendent
Christianity

Vítor Rosa*

Resumo: Autor de *Considérations sur la France* (1797), o *Pape* (1819) e as *Soirées de Saint-Pétersbourg* (1822), o pensamento de Joseph de Maistre (1753-1821) continua a ser polêmico e controverso. Diplomata, maçom e católico, com caráter firme, foi um dos mais influentes do pensamento contrarrevolucionário no período da Revolução Francesa (1789-1799). Em 1792, deixa a sua terra natal (Chambéry) e rumo em direção do exílio. Defende o retorno da Monarquia Absoluta. Com base numa análise documental e de arquivos disponíveis, neste artigo procuramos refletir sobre o seu pensamento de Maistre, sobretudo sobre a oração, o pecado original e a redenção. A sua fidelidade maçônica e sua frequência com os “Iluminados” permitiram-lhe perseguir o seu ideal de renovação religiosa e de unidade eclesialística.

Palavras-chave: Cristianismo, Oração, Pecado Original, Redenção, Maçonaria

Abstract: Author of *Considérations sur la France* (1797), the *Pape* (1819) and the *Soirées de Saint-Pétersbourg* (1822), Joseph de Maistre (1753-1821) remains polemic and controversial. Diplomat, freemason and catholic, with a firm character, he was one of the most influential of counter-revolutionary thought in the period of the French Revolution (1789-1799). In 1792, he left his native Chambéry and went into exile. He advocated the return of Absolute Monarchy. On the basis of a documentary and archival analysis available, in this article we seek to reflect on de Maistre's thought, especially on prayer, original sin and redemption. His Masonic fidelity and his attendance with the “Illuminati” allowed him to pursue his ideal of religious renewal and ecclesiastical unity.

Keywords: Christianity, Prayer, Original Sin, Redemption, Freemasonry

* Investigador Associado do Centro de Investigação em Cosmologias e Múltiplas Realidades Espirituais e Religiosas (CICMER).

Introdução

Joseph de Maistre (1753-1821), escritor, filósofo e diplomata, foi membro da Confraria da Santa-Cruz e da Misericórdia com a idade de 15 anos, fundada em 1594 pelo Santo François de Sales (1567-1622), em Chambéry (França), unindo-se à do Santo Jean Decolat de Rome, mais conhecida pelo nome de “Penitentes Negros”¹, sob a autoridade do Papa Clemente VIII (1536-1605)².

Não podemos deixar de observar aqui vários elementos que terão uma dimensão importante na obra futura de Maistre, cujos traços mais significativos se exprimem pela vocação profunda do jovem penitente de Chambéry, caminhando nas procissões da Santa-Cruz e da Misericórdia, que tinha por divisa: “Ó Crux Ave! Spes Única” (*Saúdo a Cruz, única esperança*).

Apesar das proibições e a “má opinião” do Bispo de Chambéry (Goyau, 1921a, p. 13), Maistre entra muito cedo na Maçonaria, apontando-se que terá sido em Turim durante os seus estudos de direito com a idade de 21 anos (Vivenza, 2015). Não existem provas de que as Bulas Papais de Clemente XII (1652-1740) e Bento XIV (1675-1758), contra as sociedades secretas, o tenham incomodado (Goyau, 1921a). Foi acolhido na loja maçónica “Saint-Jean des Trois Mortiers”³, fundada em 1749⁴ e extinta em 1815⁵, faz prova de um compromisso assíduo e de uma atividade intensa no seio deste meio, desenvolvendo uma viva curiosidade. A passagem dos “Penitentes Negros” para a Maçonaria é uma continuidade, dado que os mesmos homens pertencem

¹ Cf. Cogardan (1894). Este autor refere que Joseph de Maistre, com o seu grande capuz negro, com buracos para os olhos, característico dos Penitentes Negros, poderá ter assistido ao horror das sentenças capitais. Os Penitentes Negros tinham por missão acompanhar os condenados ao último suplício e rezar por eles.

² Maistre (1819) tem uma opinião muito favorável dos Papas, considerando-os como os professores, os tutores, os salvadores e os verdadeiros génios da Europa.

³ A “Trois Mortiers” não tinha a exclusividade da atividade maçónica em Savoie. Já havia uma loja em Thonon por volta de 1766/1767, mas desconhece-se o nome e a Obediência (grupo de maçons que adotam uma mesma forma de trabalho e de ação) de pertença (Lepage, 1956). Em Chambéry, havia uma outra loja maçónica chamada de “Indépendants”, que terá se constituído em 1763. Cf. https://archives-en-ligne.savoie.fr/ir_pdf/PRIV/AD073_F_IR2401_26F.pdf (consultado em 19/12/2021).

⁴ De referir que em 1742 já havia 200 lojas maçónicas em França, das quais 22 em Paris. Em 1771, contam-se 154 lojas em Paris, 322 na província e 21 militares (Naudon, 1963).

⁵ Cf. https://archives-en-ligne.savoie.fr/ir_pdf/PRIV/AD073_F_IR2401_26F.pdf (consultado em 19/12/2021).

às congregações e às lojas maçônicas (Aguilhon, 1968). Pela sua qualidade dos seus dons intelectuais, vai ser nomeado Grande Orador da “Saint-Jean des Trois Mortiers”. Mas essa Maçonaria não correspondeu às suas expectativas (Vulliaud, 1926). Em 6 de novembro de 1776, decide ir a Lyon para encontrar Jean-Baptiste Willermoz (1730-1824), um dos personagens mais interessantes do esoterismo do século das Luzes, maçom, rosa-cruz, martinista, adepto do magnetismo e chefe de fila da Reforma de Lyon, dirigida pela II Província de Auvergne da Estrita Observância⁶, dita “Templária” (Joly, 1986 [1938]; Vivenza, 2003, 2012). O sucesso das atividades dos irmãos de Lyon encorajou-o a criar uma loja maçônica, segundo os princípios de Willermoz, ou seja, uma Maçonaria mística e espiritual, profundamente cristã. Afasta-se, assim, da Maçonaria inglesa. Com mais 16 membros da “Trois Mortiers”, decidem constituir em Chambéry a loja maçônica “La Sincérité”, em 1778 (Vermale, 1912, Vulliaud, 1926)⁷. Em 6 de novembro de 1778, Maistre obteve o grau maçônico de “Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa” (CBCS), com o pseudônimo “Josephus Eques a floribus” (Goyau, 1921a, p. 18; Vivenza, 2015, p. 8). Em 1780, o duque Ferdinand de Brunswick (1721-1792), Grão-Mestre da Estrita Observância, com o título de “Magnus Superior Ordinis”, envia uma carta circular (19 de setembro de 1780) para os vários membros, procurando obter respostas para resolver alguns problemas: a existência de verdades superiores, cerimônias e rituais, restauração da Ordem do Templo⁸, caráter público ou secreto, entre outros aspectos (Vivenza, 2012). Maistre pega na sua pluma para redigir a sua famosa “Mémoire” a Brunswick (Maistre, 1993 [1782]). É um dos seus primeiros textos teóricos que se conhecem dele. Esta “Mémoire”

⁶ Esta Ordem teve um grande sucesso, sobretudo na Alemanha. Contou com vários membros célebres: Goethe, Wieland, Lessing, Mozart, Joseph de Maistre, Werner (Naudon, 1963). A Ordem foi retificada, daí o nome Rito (ou Regime) Escocês Retificado (RER), adotado no *Convent des Gaules*, que teve lugar em Lyon, em 1778, e o de *Wilhelmsbad*, em 1782. Renuncia-se a filiação templária, a sua sucessão e a restauração material.

⁷ Maistre escreverá que era uma loja aristocrática, reunindo o melhor de todas as classes. A generosidade dos membros da loja maçônica impressionava e as refeições eram de uma grande sobriedade e a distinguíam (Goyau, 1921b, p. 147).

⁸ A Ordem da Milícia do Templo foi constituída em 1118, em Jerusalém, no tempo das Cruzadas, para proteção da Terra Santa. Foi extinta em 1312.

foi enviada a Gaspard Savaron, designado pela loja para ser seu representante na reunião geral que se preparava (Vermale, 1912). Este acusou recepção do documento a 24 de junho de 1780, qualificando-a de “obra interessante” (Vivenza, 2015, p. 9), mas não se sabe se Brunswick a leu. De qualquer forma, este texto é considerado “como uma preciosa referência no quadro do pensamento” de Maistre (Vivenza, 2015, p. 9). Na sua opinião, e numa carta enviada ao barão Vignet des Étoles (1733-1806), em 1793, a Maçonaria é “uma sociedade de prazer, cujo governo não tem nada a temer” (Maistre *apud.* Goyau, 1921a, p. 15). De facto, para si, “eram homens raros, verdadeiros eleitos”, aos quais Deus “confia os seus poderes” (Goyau, 1921a, p. 34). Exortava os seus irmãos da Maçonaria a ser caridosos: “dar esmolas é uma bênção. Além disso, estes tipos de atos contribuem poderosamente para a nossa perfeição moral. O homem não foi criado para especular numa poltrona, e é fazendo o bem que adquirimos o gosto por ela” (Maistre *apud.* Goyau, 1921a, p. 38).

A sua ação religiosa é conhecida; a sua personalidade religiosa ainda é discutida pelos investigadores (Révue des Études Maistriennes, 1980). Ele crê que, mesmo na dor do luto, o que Deus faz é bem feito. Há dores que revoltam e outras que unem. Educado pelos jesuítas, escreve em 1815, que “é preciso matar o espírito do século XVIII” (Maistre *apud.* Gayrou, 1921a, pp. 7-8). Os mistérios da teurgia de Martinès de Pasqually (1727-1774)⁹ foram-lhe revelados (Goyau, 1921a). Profundamente polémico, Maistre é dogmático, não tem um sistema e o seu pensamento é adverso (Sarrazin, 1976; Alibert, 1990). Dermenghem (1946) realça que Maistre pronunciou sobre a sua época e sobre

⁹ Sobre a vida e obra de Martinès de Pasqually, cf. Nahon (2011) e Rosa (2021, 2022). Fundou a *Ordre des Chevaliers Maçons Elus Coëns de l'Univers*, que se apresentou como a “verdadeira maçonaria”. Caracteriza-se por um sistema de altos graus ligados a uma teurgia e a uma magia divina (Amadou, 1989). Para Martinès, Jesus Cristo não é um Deus no sentido específico que lhe atribui a teologia pós-Niceia. Ele qualifica Cristo de Espírito Duplamente Forte e classifica-o como dos primeiros seres emanados antes de surgir o mundo criado. Esta conceção particular faz do Cristo uma espécie de anjo superior, relembrando as posições das primeiras comunidades de cristãos (Leforestier, 1928, 1970; Amadou, 2016). O seu *Traité sur la réintégration des êtres dans leur première propriété, vertu et puissance spirituelle divine* (1899) foi reservado a alguns eleitos sob a forma de manuscrito e só foi publicado pela primeira vez no final do século XIX. Conta uma espécie de história paralela da Criação do mundo, assim como a Queda do Homem. Revela as condições e os meios pelos quais os homens poderão reconquistar a sua primeira dignidade. Relata, igualmente, como os primeiros Espíritos se revoltaram, depois da sua emanação por Deus.

o futuro julgamentos considerados, por vezes, severos, por vezes errados, mas muitas vezes justos, profundos e originais.

Este artigo tem por objetivo refletir sobre o pensamento de Maistre, em particular sobre a oração, o pecado original e a redenção. Recorremos a uma análise documental e de arquivos da Biblioteca Nacional Francesa, da *France Archives*¹⁰, dos Arquivos Departamentais de Savoie¹¹ e do Grande Oriente de França. Os resultados revelam que a sua fidelidade maçónica e sua frequência com os “Iluminados” permitiram-lhe perseguir o seu ideal de renovação religiosa e de unidade eclesiástica.

Orígenes e a doutrina dos Iluminados

Na sua “Mémoire”, Joseph de Maistre acreditava que poderia “acrescentar ao Credo algumas riquezas”, riquezas essas que provinham de diferentes “luzes” recebidas no seio do mundo do iluminismo místico (Dermenghem, 1923, 1946; Durand, 1999). Mas quem são estes Iluminados? Goyau (1921a, p. 15) refere que “havia Iluminados de toda a espécie”, mas Maistre responde assim:

Em primeiro lugar, eu não digo que todo o *iluminado* é maçom; eu digo apenas que todos aqueles que eu conheci em Obras, sobretudo, o eram; o seu dogma fundamental é que o cristianismo, tal como o conhecemos hoje, é uma verdadeira *loja azul*¹² feita para o comum; mas que depende do *homem de desejo* de se elevar de grau em grau até aos conhecimentos sublimes, tais como possuíam os primeiros Cristãos que eram verdadeiros iniciados. É o que alguns Alemães chamaram de *cristianismo transcendente*. Esta doutrina é uma mistura de platonismo, origenismo e de filosofia hermética, numa base cristã. Os conhecimentos sobrenaturais são o grande objetivo dos seus trabalhos e das suas esperanças; eles não duvidam que é possível o homem se colocar em comunicação com o mundo espiritual, de conhecer os espíritos e de descobrir assim os mais raros mistérios. O seu costume invariável é de dar nomes extraordinários às coisas mais conhecidas sob os nomes

¹⁰ Cf. <https://francearchives.fr/findingaid/91d305859357f01a34d8b5c3de72457a6dab99c5> (consultado em 17/12/2021).

¹¹ Cf. https://recherche-archives.savoie.fr/accounts/mnesys_cg73/datas/medias/ir_pdf/PRIV/AD073_002J.pdf (consultado em 19/12/2021).

¹² Maistre aqui refere-se às lojas maçónicas que atribuem os três primeiros graus maçónicos: aprendiz, companheiro e mestre.

consagrados: assim um *homem* para eles é um *menor*, e o seu nascimento, *emancipação*. O pecado original se chama o *crime primitivo*; os atos da força divina ou dos seus agentes no universo se chamam *bênçãos*, e as penas infligidas aos culpados, de *sofrimentos* (Maistre *apud*. Vivenza, 2012, p. 29).

Goyau (1921a, p. 16) observa que “os Iluminados que Maistre visitava em Lyon eram discípulos do judeu cabalístico português Martinès Pasqualis¹³, que foi mestre de Saint-Martin, o ‘Filósofo Desconhecido’”.

Maistre era um assíduo leitor de Clemente de Alexandria (150-215) e de Orígenes (185-254)¹⁴. Ele encontrou no Regime Escocês Retificado (RER), do qual foi membro até 1792, em Savoie, uma doutrina que ia ao encontro das suas convicções (Glaudes, 1997, 2007; Vivenza, 2003, 2005a; Dachez & Pétilot, 2010). Essas leituras dos primeiros séculos do cristianismo davam-lhe acesso a conhecimentos sobre a criação do mundo, o sentido espiritual das Escrituras, a ordem natural e sobrenatural, etc. Vários autores observam a influência de Orígenes no pensamento de Maistre (Triomphe, 1968; Froidefont, 2010; Vivenza, 2012). Triomphe (1968) salienta que “Orígenes fornece a Maistre a justificação dos principais artigos do seu Credo” (p. 438). Entre outros aspetos, Orígenes considerava que o mundo terrestre é um local de resipiscência, os homens deveriam retornar a Deus; deveria haver um esforço no sentido da virtude e de aceitação do divino; o estado pré-angélico de Adão, o encerramento das almas num corpo de matéria em consequência da prevaricação do primeiro homem, a apocatástase pensada como um aniquilamento do mundo sensível e de todas as formas de matéria, a vida celeste pós-morte.

Na perspectiva de Moreau (1837), “Deus é o primeiro maçom” (p. 1) e que, segundo a lenda, Adão terá sido recebido maçom segundo os ritos no Oriente do Paraíso pelo Pai Eterno. É uma forma de dizer que a Maçonaria

¹³ As investigações ainda não provaram que Pasqually era português. Nahon (2011) rejeita esta hipótese. Tudo indica que nasceu em Grenoble em 1727 e faleceu em Port-au-Prince, em 1774.

¹⁴ A sua obra é imensa, mas considera-se a *De principiis* (Tratado sobre os Princípios) como a principal, resumindo o seu pensamento teológico e metafísico (Vivenza, 2012).

sempre existiu, se não em atos, pelo menos em força de se tornar, dado que ela corresponde ao espírito humano (Wirth, 1962).

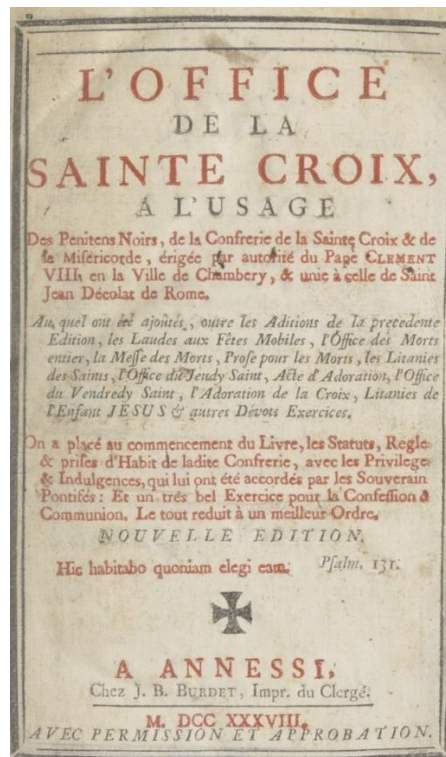


Figura 1: Ofício da Confraria da Santa Cruz e Misericórdia e dos Penitentes Negros
Fonte: Gallica, BnF.

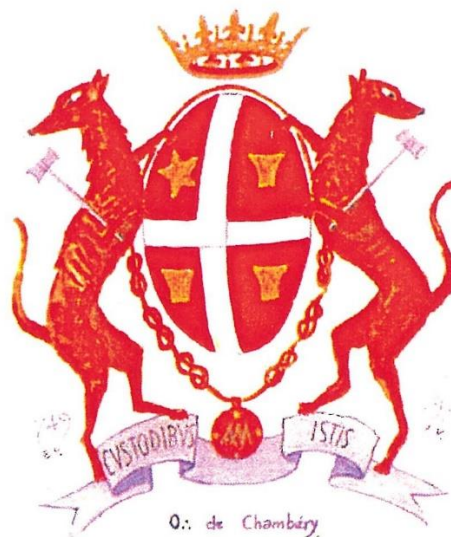


Figura 2: Brasão da Loja Maçônica *Saint Jean des Trois Mortiers*, século XVIII, Chambéry
Fonte: Grande Oriente de França

Desde 1778, Maistre teve contacto com os meios do Iluminismo europeu (Dermenghem, 1946). Ele admira e defende as obras de Louis-Claude de Saint-Martin (1743-1803)¹⁵, e quando este passa por Chambéry em 1787 foi acolhido por Maistre, não hesitando em classificá-lo como o “mais instruído, o mais sábio e o mais elegante dos teósofos modernos” (Maistre, 1854 [1822], p. 294). Influenciado por Saint-Martin, Maistre vai ler os escritos de Jacob Boehme (1575-1624)¹⁶ e descobre, igualmente, os textos de Emmanuel Swedenborg (1688-1772)¹⁷, autor da “Nova Jerusalém” (1758).

Maistre, em 1816, escreve que “continuava a seguir a Igreja católica romana, mas adquiriu (no Iluminismo) muitas ideias, de que fez proveito” (Maistre *apud.* Goyau, 1921a, p. 138). Na perspectiva de Goyau (1921a), para aumentar as suas luzes sobre como o homem veio a este mundo, Maistre não recorria mais ao Evangelho soberanamente interpretado pela Igreja. A Igreja, para Maistre (1854), de uma forma ou de outra, precisa de ser governada como qualquer outra associação; sem isso não haveria agregação, conjunto ou unidade. É um governo de natureza infalível, ou seja, absoluto. Observa: “O PAPA E IGREJA É TUDO UM” (Maistre, 1854, p. 48).

A vida de exilado

Nos anos 1789 e 1790 as realidades da História apanham Joseph de Maistre, atrapalhando as suas pesquisas, assim como a vida dos iniciados de Chambéry. A Revolução Francesa vai complicar o reino de Savoie. O Rei da Sardenha, Victor-Amédée III (1726-1796)¹⁸, inquieto pela agitação

¹⁵ Dermenghem (1946) sublinha que Maistre sempre defendeu Saint-Martin “contra todas as críticas” (p. 46). Saint-Martin escreveu várias obras: *Le Tableau Naturel des Rapports qui existent entre Dieu, l’Homme et l’Univers* (1782), *L’Homme de Désir* (1790), *Ecce Homo* (1792), *Le Nouvel Homme* (1792), *Considérations philosophiques sur la Révolution française* (1796), *Éclair sur l’Association Humaine* (1797), *Le Crocodile ou la Guerre du Bien et du Mal* (1798), *Le Ministère de l’Homme-Esprit* (1802).

¹⁶ Sobre a vida e obra de Jacob Boehme, confronte Vivenza (2005b) e a obra clássica de Koyré (1979[1929]).

¹⁷ Swedenborg, nas suas teses, assinala uma posição anti-Trindade muito marcada, reconhecendo Deus como o Eterno Criador. Jesus Cristo é o “humano de Deus”, cujo papel consistiu em salvar as criaturas, mas sobretudo a sua missão tinha por objetivo que os homens pudessem ter uma ideia justa do que era a Glória e a Sabedoria de Deus.

¹⁸ Goyau (1921a) refere que ele era maçom. Na opinião de Vivenza (2012), Victor-Amédée III sempre manifestou uma grande reserva relativamente às atividades maçónicas.

revolucionária, ordena o encerramento das lojas maçônicas. Maistre é perseguido pelas tropas da Convenção em Savoie e toma o caminho do exílio em direção a Turim (Vivenza, 2012).

Encorajado pelos seus companheiros de exílio, escreve as suas reflexões contra-revolucionárias, intitulando-as “Lettres d’un royaliste savoisien” (1793) (Goyau, 1921a). Este texto dá-lhe a ocasião de precisar um pensamento, cujas flechas era dirigidas contra a ideologia das Luzes (Alibert, 1990). Em 1797, publica as suas “Considérations sur la France”, livro que provocou uma forte onda de choque (Vivenza, 2012). Na sua vida de exílio vai passar por Lausanne, Veneza, Áustria, Polónia, Rússia e Roma, tendo sido recebido numa audiência em privado com o Papa. Ocupou o posto de embaixador em São Petersburgo de 1803 a 1817, estando em contato com a florescente maçonaria russa. A sua vida de exilado vai durar 14 anos, 12 dos quais vai viver sozinho, longe da sua família¹⁹.

Desembarca em Calais (França) a 20 de junho de 1817, tendo ficado encantado por passar por Paris, que descobre pela primeira vez. Louis XVIII (1755-1824) recebe-o em audiência. Ficarà na capital francesa até 7 de agosto de 1817, retomando depois o caminho para Turim. Apesar da sua reputação de autor e de notoriedade, que lhe davam uma posição oficial, ele passou quase despercebido nesta cidade.

Presentido a sua morte, escreve a Louis-Gabriel-Ambroise (1754-1840), visconde de Bonald, dizendo: “eu morro com a Europa” (Goyaud, 1921, p. 128).

¹⁹ Joseph de Maistre casou em 1786 com a senhora Morand, tendo três filhos (Rodolphe, Adèle e Constance) (Vitte & Perrusel, 1884).

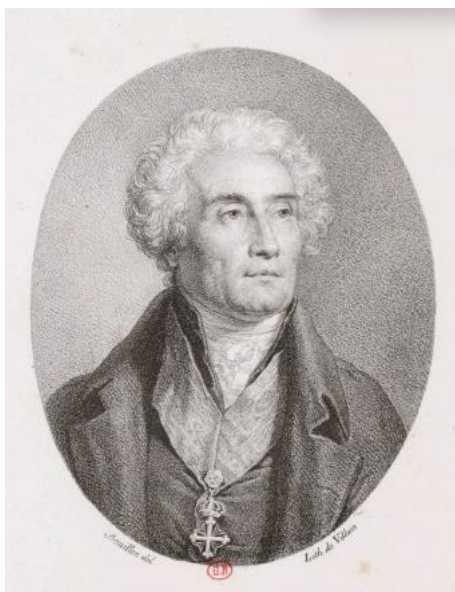


Figura 3: Joseph de Maistre
Fonte: Maistre (1854 [1822])

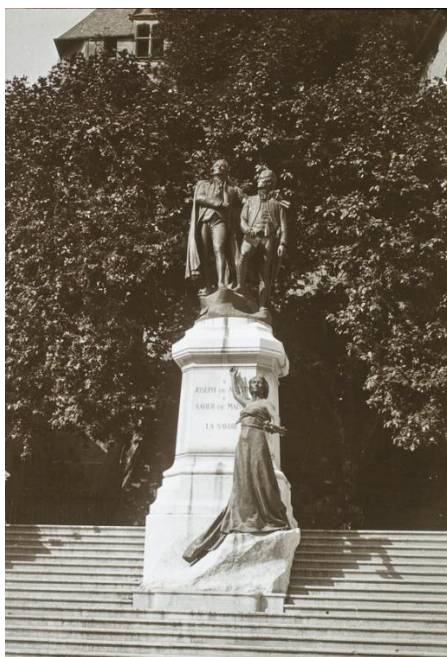


Figura 4: Estátua realizada em 1899 pelo escultor Dubois em memória a Joseph e Xavier de Maistre, filósofo e escritor, nascidos em Chambéry
Fonte: *Archives de France* (cota: 35FI2133)

Em forma de homenagem póstuma, os restos mortais de Joseph de Maistre foram colocados solenemente na cripta da Igreja dos Mártires, Capela dos Jesuítas, em Turim.

A fé e a oração

A oração, reza ou prece é um ato codificado, ou não, coletivo ou individual, pelo meio da qual se dirige a Deus, a uma divindade ou a um ser designado como mediador de Deus ou da divindade. Pode-se distinguir três tipos de preces: a prece de intercessão (para pedir algo para alguém ou para si próprio), a prece de confissão e a prece de gratidão. Corresponde a uma atitude interiorizada ou meditativa.

Para Merrigan (2016), como todo o fenómeno histórico, a oração pode ser abordada segundo múltiplas perspetivas. Quando se trata de a definir e de a delimitar, é preciso fazer escolhas. É preciso nos concentrarmos nas crenças e nas práticas (a dimensão social), sobre o sujeito religioso (a dimensão psicológica) ou sobre o objeto religioso presumido (a dimensão transcendente). Stark e Finke (2000) entendem as orações como comunicações dirigidas a algo transcendente, criando-se laços de afeição e confiança. “Nas orações individuais, pede-se, agradece-se, conversa-se, havendo uma relação única com o sagrado considerado real pelo interlocutor. Ao pensar-se imperfeito, o homem contacta algo tido como perfeito para o orientar, ajudar e completar” (Coutinho, 2012, p. 182). Na opinião de Mauss (2019), a oração é um rito, ou seja, é “um ato tradicional eficaz”. Headley (1994), por seu turno, evoca que a oração se situa “num espaço ideológico ou num espaço de crença: a palavra dos seres humanos deixa-os para regressar a eles enriquecidos por uma resposta divina” (p. 8). Neste sentido, “a tradição oral no judaísmo, no cristianismo e no islamismo guardam a nostalgia de uma comunicação direta e transparente com Deus” (p. 12).

Nas inacabadas *Soirées de Saint-Pétersbourg, IV Entretien*, Maistre (1854 [1822]), que considerava a Providência inescrutável, sublinha que os homens sempre oraram, mas sem dúvida que oraram mal, pediram o que não era necessário. Para si, “a oração é a respiração da alma” (p. 278) e recorre a Voltaire (1694-1778) para dizer que “não há religião sem oração” (p. 278). A oração é

universal, mas sempre em virtude de uma suposta revelação, isto é, em virtude das antigas tradições. Mas o homem não sabe o que pedir, nem como pedir, nem mesmo a quem se deverá dirigir. Segundo ele, todas as religiões são fecundas em orações, mas a mais importante é esta: “ordenai aos vossos corações que estejam atentos, e leiam todas as orações: vereis a verdadeira Religião, tal como vereis o sol” (p. 279). Para além da universalidade da oração, Maistre fala da sua eficácia, onde toda a beleza nasce do seu interior. Exorta a orar sempre, com todas as forças, com todas as disposições que podem legitimar este grande ato da criatura inteligente. Toda a verdadeira oração é eficaz (Maistre, 1854 [1822]).

A prevaricação original

Nas *Soirées de Saint-Pétersbourg, II Entretien*, Maistre (1854 [1822]) destaca que não faz a distinção entre as doenças, na medida em que elas são castigos. Na sua perspetiva, o pecado original explica tudo isso. Sendo um mistério, a questão do mal e do pecado original são centrais no pensamento de Maistre, atravessando a o conjunto da problemática teórica da sua obra (Vivenza, 2012). O Homem encontra-se no seu estado degradado e a sua posteridade não é mais parecida com o estado primitivo deste ser. Observa que “entre o homem *enfermo* e o homem *doente* é a mesma diferença entre o homem *vicioso* e o homem *culpado*” (Maistre, 1854 [1822], pp. 80-81). Acrescenta que “a doença aguda não é transmissível, mas a que vicia os humores tornam-se a *doença original*, podendo estragar toda uma raça” (p. 81). O mesmo se passa com as doenças morais, segundo Maistre. Em virtude da degradação primitiva, “somos todos sujeitos a sofrimentos físicos, em geral” (p. 82). “A essência de toda a inteligência é a de conhecer e de amar. Os limites da ciência são as da sua natureza. O ser imortal não aprende nada: ele sabe por essência tudo o que deve saber” (p. 86). Adianta ainda que “o homem inteiro é uma doença” (p. 87). Num jogo de palavras, sublinha que o Homem “não sabe o que quer; ele quer o que ele não quer; ele

não quer o que ele quer” (p. 88). Como é que ele chegou a este estado de degradação? Toda a degradação é uma sanção, e toda a sanção supõe um crime. A razão encontra-se na sua conduta, com uma inclinação para o mal. A funesta inclinação para o mal é uma verdade de “sentimento e de experiência proclamada em todos os séculos” (p. 92). O “homem jamais reconheceu este seu triste estado, dado que ele não pode ser *mau*, sem ser *maligno*, nem maligno sem estar degradado sem ser punido, nem punido sem ser culpado” (p. 93). É esta a sua teoria do pecado original, em que os espíritos estão corrompidos. O mundo físico é uma imagem do mundo espiritual e não se pode estudar um sem o outro.

Lamentando-se da desorientação universal do Homem, numa carta ao Conde de Blacas (16, V 1818), realça que “todo o homem é uma estrela que não pode vencer; a minha decidi irrevogavelmente que eu jamais terei o que desejo e que obterei sempre o que não espero” (Maistre *apud*. Vivenza, 2012, p. 82).

A universalidade da redenção

Maistre encara a redenção como uma ideia universal. Refere que sempre se pensou que o inocente poderia pagar pelo culpado (*utique si et provocaverit*), mas o cristianismo retificou esta ideia. Sob o império desta lei divina, o justo procura se aproximar do modelo do Criador pelo lado doloroso. Ele examina, purifica-se, reflete sobre os seus esforços para obter a graça do “justo perseguido” (Salmo, 58, p. 115). Na sua argumentação, Maistre apela a Orígenes, referindo que o sangue expandido no Calvário foi útil aos homens, aos anjos, aos astros e a todos os seres criados. A redenção pertencia ao céu e à terra. A purificação pelo sangue de animais foram apenas os primeiros neste processo. Se o cordeiro foi capaz de tirar o pecado de todo o mundo, Maistre diz: “contemplem a expiação de todo o mundo, isto é, das regiões celestes, terrestres e inferiores, e verão quantas vítimas eles precisariam” (Maistre *apud*. Vivenza, 2012, p. 140). Maistre destaca que, nesta redenção geral, operada

segundo o grande sacrifício, Orígenes sublinha as redenções particulares, que ele apelida de “diminuídas”, mas que seguem o mesmo princípio.

A reflexão de Maistre funda-se através de uma filosofia da história, uma teologia, uma espiritualidade fundada na noção do sacrifício, em que o ato pelo indivíduo ou coletivo têm o poder de restaurar, na experiência da expiação e da oferenda, a sua relação transparente com Deus (Arlette, 1989). Assim, ele inscreve a prática do sacrifício expiatório e a mística da reconciliação nas tradições primitivas de todos os povos. O paganismo surge para Maistre como uma propedêutica imperfeita, mas decisiva no cristianismo. Aos olhos de Maistre, existem duas características essenciais no sacrifício: o “dogma da reversibilidade” e a “doutrina da substituição”. Por um lado, as virtudes expiatórias supõem misteriosas, mas exatas equivalências entre o mal cometido e o bem restaurado. O sacrifício é a “compensação”. Isso implica a escolha das vítimas: não se podendo imolar o homem para salvar o homem, escolhe-se a espécie animal. Por outro lado, as virtudes expiatórias do sacrifício não estão ligadas a um só princípio físico. Magicamente e simbolicamente, uma vítima poderia ser “substituída” por outra, revertendo sobre ela os benefícios da profanação. Arlette (1989) realça que a “cultura latina de Joseph de Maistre oferece-lhe aproximações mais elaboradas da lei do sacrifício e dos seus méritos” (p. 192). E que o “dogma da reversibilidade» e a “lei de substituição” se incarnam perfeitamente no Cristo crucificado” (Arlette, 1989, p. 193).

Conclusão

Durante muito tempo, os seus admiradores e detratores confinaram-no ao seu papel de doutrinador monárquico e de grande representante da reação tradicionalista contra a Revolução Francesa. Joseph de Maistre, nascido em Chambéry em 1753, falecido em Turim em 1821, é ainda considerado como um pensador austero. À luz de trabalhos inéditos e pesquisas académicas realizados(as) nos últimos anos, a personalidade de Joseph de Maistre, cujas

Considerações sobre a França (1797) revelaram a sua genialidade, vai sendo revelada com maior verdade. Nobre de origem burguesa, de coração francês, mas ligado ao Piemonte, maçom católico, reformador monárquico, racionalista místico, Maistre multiplicou os paradoxos que o testaram até ao âmago. Assim vemos este Janus, que usa bem alto as suas contradições, oscilando entre a paixão e o desânimo, a dúvida e o empenho, o gosto pelo dogma e a atração pela fé, o desespero, a ironia e a seriedade, enquanto lança desafios insolentes ao racionalista que nunca deixará de ser. Refugiou-se em Lausanne após a invasão da Savoie pela França (1792), foi chamado a Cagliari, na Sardenha, por Carlos-Emmanuel IV (1751-1819), que o colocou no topo da magistratura sarda, e foi então, de 1803 a 1817, o extraordinário enviado da Sardenha a São Petersburgo. Aí, a sua inteligência e a sua análise dos acontecimentos seduziram o czar e a sociedade russa e compôs as suas outras grandes obras, incluindo o início das *Soirées de Saint-Petersbourg*.

Os resultados revelam que Maistre considera que o cristianismo, desde os primeiros tempos, era uma verdadeira iniciação, onde se revelava uma verdadeira magia divina. Entre os objetos desta iniciação, realça os astros e a divisão das nações. Colocou-se nos antípodas dos enciclopedistas da época e de Voltaire. Maistre desenvolve o tema do poder redentor dos sacrifícios, a salvação dos pecados, dos ímpios, podendo ser obtida com o sangue dos inocentes. A oração para ele é universal. E diviniza a fúria da destruição, que, por extensão, acredita ser um atributo ou vontade de Deus. Para si, a única religião verdadeira é aquela que purifica e exalta o Homem, não admitindo que o exterior da religião seja tomada pela religião.

Concluimos, na esteira de Sarrazin (1976) e de Montmasson (1928), que falar de Providência em Maistre, é recusar um fatalismo deísta, o determinismo do “filosofismo”, a força cega das coisas, perante a qual o emigrado se sente impotente, ou denota mesmo uma aparente demissão de um pietismo passivo, que não deixa a oração do homem nenhuma influência concreta. O Paraíso está

perdido. Espera-se, assim, novos Céus e uma nova Terra. Com as suas obras, Maistre procura fazer uma meta-história da sua época. Maistre apoia-se, incontestavelmente, sobre as bases doutrinárias do Iluminismo maçónico.

Bibliografia :

- AGULHON, M. (1968). *Pénitents et franc-maçonnerie de l'ancienne Provence*. Fayard.
- ALIBERT, J. (1990). *Joseph de Maistre : état et religion*. Téqui.
- AMADOU, R. (1989). *La magie des élus coëns, catéchismes*. Cariscript.
- AMADOU, R. (2016). Robert Amadou, *Traité sur la réintégration des êtres dans leur première propriété, vertu et puissance spirituelle divine : Martines de Pasqually, Première édition authentique d'après le manuscrit de Louis-Claude de Saint-Martin établie et présentée par Robert Amadou*. Diffusion Rosicrucienne.
- ARLETTE, M. (1989). Sacré et sacrifice dans la pensée de Joseph de Maistre. In: *Bulletin de l'Association Guillaume Budé* (pp. 189-203), 2. <https://doi.org/10.3406/bude.1989.139>
- COGORDAN, G. (1894). *Joseph de Maistre*. Librairie Hachette.
- COUTINHO, J. (2012). *Religião e outros conceitos Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 24, 171-193.
- DACHEZ, R., & PÉTILLOT, J.-M. (2010). *Le Rite Écossais Rectifié*. PUF.
- DERMENGHEM, É. (1923). *Joseph de Maistre mystique, ses rapports avec le martinisme, l'illuminisme et la franc-maçonnerie : l'influence des doctrines mystiques et occultes sur la pensée religieuse*. La Connaissance.
- DERMENGHEM, É. (1946). *Joseph de Maistre mystique*. La Colombe.
- DURAND, G. (1999). *Un Comte sous l'acacia : Joseph de Maistre*. Ed. Maçonniques de France.
- EDITORIAL MISSÕES (2019). *Rezar com os salmos* (7.^a edição). Editorial Missões.
- FROIDEFONT, M. (2010). *Théologie de Joseph de Maistre*. Éditions Classiques Garnier.
- GOYAU, G. (1921a). *La pensée religieuse de Joseph de Maistre*. Perrin et Cle – Libraires Editeurs.
- GOYAU, G. (1921b). *La pensée religieuse de Joseph de Maistre d'après des documents inédits*. In François Buloz (dir.), *Revue des deux mondes* (pp. 137-173). Paris.
- GLAUDES, P. (1997). *Joseph de Maistre et les figures de l'histoire. Trois essais sur un précurseur du romantisme français*. Université Blaise-Pascal.
- GLAUDES, P. (2007). *Joseph de Maistre : œuvres*. Robert Laffont

HEADLEY, S. (1994). Pour une anthropologie de la prière. In: *L'Homme*, 34(132), 7-14. <https://doi.org/10.3406/hom.1994.369821>

JOLY, A. (1986[1938]). *Un mystique lyonnais et les secrets de la franc-maçonnerie – Jean Baptiste Willermoz (1730-1824)*. Demeter.

KOYRÉ, A. (1979[1929]). *La philosophie de Jacob Boehme*. Vrin.

MAISTRE, J. (1819). *Du Pape*. Chez Rusand & Chez Beausé-Rusand.

LEPAGE, M. (1956). *L'Ordre et les Obédiences*. Laval.

LE FORESTIER, R. (1928). *La franc-maçonnerie occultiste aux XVIII et l'Ordre des Élus Coëns*. Dorbon Ainé.

LE FORESTIER, R. (1970). *La franc-maçonnerie templière et occultiste aux XVIII et XIX siècles*. Aubier-Montaigne.

MAISTRE, J. (1854 [1822]). *Les soirées de Saint-Pétersbourg, ou Entretien sur le gouvernement temporel de la Providence, suivi d'un traité sur les sacrifices*, 7ème édition, Tome II. J. B. Pélagaud – Imprimeur Libraire.

MAISTRE, J. (1854). *Du Pape*. Charpentier.

MAISTRE, J. (1993 [1782]). *La franc-maçonnerie : mémoire inédit au Duc de Brunswick (1782)*. L'Harmattan.

129

MAUSS, M. (2019). *La prière*. PUF.

MERRIGAN, T. (2016). La prière comme pratique religieuse. La quête d'une dimension ultime dans la spiritualité athée, le bouddhisme et la religion théiste. *Recherches de Science Religieuse*, 3(104), 353-377. <https://doi.org/10.3917/rsr.163.0353>

MONTMASSON, J.-M. (1928). *L'idée de Providence d'après Joseph de Maistre*. Emmanuel Vitte.

MOREAU, C. (1837). *L'Univers maçonnique*. Imprimerie de A. Belin.

NAUDON, P. (1963). *La franc-maçonnerie*. PUF.

NAHON, M. (2011). *Martinès de Pasqually : un énigmatique franc-maçon théurge du XVIII siècle, fondateur de L'Ordre des Élus Coëns*. Pascal Galodé.

RÉVUE DES ÉTUDES MAISTRIENNES (1980). Joseph de Maistre : Illuminisme et Franc-Maçonnerie. *Actes du colloque de Chambéry (4 et 5 mai 1979)*, 5/6. Centre d'Etudes Franco-Italien. Éditions les Belles Lettres.

ROSA, V. (2022). A criação do mundo segundo Martinès de Pasqually: o tratado sobre a reintegração dos seres. *AD AETERNUM*, 1(3), 133-145.

ROSA, V. (2021). O martinismo: história e tradições: *AD AETERNUM*, 2, 185-205.

SARRAZIN, B. (1976). Le comte et le sénateur ou la double religion de Joseph de Maistre. In: *Romantisme* (pp. 15-27), 11. <https://doi.org/10.3406/roman.1976.5027>

STARK, R., & FINKE, R. (2000). *Acts of faith*. University of California Press.

TRIOMPHE, R. (1968). Joseph de Maistre. Étude sur la vie et sur la doctrine d'un matérialiste mystique. Droz.

VERGNOLLE, D. (2021). *L'épopée des Chevaliers Bienfaisants de la Cité Sainte et de leur Profession*. Les Éditions de la Tarente.

VERMALE, F. (1912). *La franc-maçonnerie savoisiennne à l'époque révolutionnaire d'après ses registres secrets*. Ernest Leroux.

VIVENZA, J.-M. (2003). *Maistre (Qui suis-je ?)*. Pardès.

VIVENZA, J.-M. (2005a). *Joseph de Maistre et le Régime Ecossais Rectifié*. Dossier H, L'Âge d'Homme.

VIVENZA, J.-M. (2005b). *Boehme*. Pardès.

VIVENZA, J.-M. (2012). *Jean-Baptiste Willermoz : fondateur du Régime Ecossais Rectifié : textes choisis et présentés par Jean-Marc Vivenza*. Éditions Signatura.

VIVENZA, J.-M. (2015). *Joseph de Maistre : Prophète du christianisme transcendant*. Éditions Signatura.

VITTE, & PERRUSEL (1884). *Œuvres de Joseph de Maistre*, Tome 1. Vitte & Perrusel Éditeurs.

VULLIAUD, P. (1926). *Joseph de Maistre Franc-Maçon : suivi de pièces inédites*. Éditions Nourry.

WIRTH, O. (1962). *La franc-maçonnerie rendue intelligible à ses adeptes : le livre de l'Apprenti*. Laval.